

A TEORIA MERLEAU-PONTYANA DA LINGUAGEM E A BIBLIOTERAPIA

Clarice Fortkamp Caldin

Resumo:

O artigo expõe o problema da linguagem, com abordagem fenomenológica, como foi tratado por Husserl e por Merleau-Ponty. Husserl considerou a linguagem um objeto do pensamento, essência de uma gramática universal. Merleau-Ponty defendeu a linguagem como meio por excelência de comunicação, cujos signos refletem a cultura e as palavras possuem corporeidade. A teoria merleau-pontyana da expressão admite duas linguagens: a fala falada e a fala falante. A linguagem falada é o conjunto das significações de uma língua; a linguagem falante é transfiguração dessas significações. É da fala falante, produtora de significados, que se ocupa a biblioterapia. Relata-se um Programa de Leitura Terapêutica desenvolvido em uma escola da rede pública estadual no interior da Ilha de Santa Catarina. Tal Programa contemplou leitura, narração e dramatização de textos ficcionais. Apostou no envolvimento dos alunos com o lúdico e o poético e creditou à literatura possibilidades terapêuticas. O diálogo posterior à história (a experiência do outro), a socialização (descontração e alegria) e a retomada do texto (recriação) foram considerados exercícios terapêuticos. Concluiu-se que a biblioterapia é um tratamento alternativo e desprezioso em que a fala, na leitura, narração ou dramatização pode agir como uma terapêutica.

Palavras-chave:

Teoria merleau-pontyana da linguagem; Fala falante; Biblioterapia; Leitura terapêutica

THE MERLEAU-PONTY THEORY OF LANGUAGE AND BIBLIOTHERAPY**Abstract:**

The article presents the problem of language, with a phenomenological approach, as treated by Husserl and Merleau-Ponty. Husserl considered the language as an object of thought, the essence of a universal grammar. Merleau-Ponty supported the language as a means of communication by excellence, whose signs reflect the culture and that the words have corporeality. The theory of expression Merleau-pontyan admits two languages: the spoken speech and the speaker speech. The spoken language is the set of meanings of a language; the speaker language is the transfiguration of these meanings. It is of the speaker speech, the producer of meanings, that bibliotherapy concerns. We report a Reading Therapy Program developed in a public school within the Brazilian Island of Santa Catarina. This program included reading, storytelling and dramatization of fictional texts. It bet on the involvement of students with the playful and poetic literature and gave credit to the therapeutic possibilities. The dialogue after the story (the experience of others), socialization (relaxation and joy) and the resumption of the text were considered therapeutic exercises. It was concluded that bibliotherapy is an alternative and unpretentious treatment in that speech, reading, storytelling or drama can act as a therapy.

Keywords:

Merleau-Ponty Theory of Language; Speech speaker; Bibliotherapy; Reading therapy

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo intenta apresentar uma abordagem fenomenológica da leitura como função terapêutica – a biblioterapia. A escolha de tal corrente do pensamento valeu-se do fato de ser a fenomenologia *um retorno às coisas mesmas, o estudo das essências*. Volta-se para as essências vividas, as quais são totalidades de sentido temporalmente constituídas. Assim, a fenomenologia é uma descrição do vivido, é uma narrativa das experiências da consciência no decorrer da história; preocupa-se com a descrição do fenômeno, a universalidade das essências, o questionamento do conhecimento das ciências, a valorização do conhecimento intuitivo das vivências, a intencionalidade da consciência, a interpretação do mundo, a intersubjetividade e o contexto cultural dos sujeitos; estuda os sentimentos, os pensamentos e as ações. Trata-se de uma narrativa transcendental, o que significa dizer que leva em conta o modo, ou forma temporal segundo a qual o ser humano se constitui na natureza e na cultura.

Dessa feita, investigar a leitura como função terapêutica perpassa pela investigação sobre a linguagem, haja vista que somente por meio desta pode-se descrever, sistematizar e comunicar os significados dos fenômenos, pois tudo começa na e pela linguagem. A fenomenologia de Husserl admite a linguagem como uma operação pela qual os pensamentos adquirem valor intersubjetivo. Merleau-Ponty, em sua trajetória filosófica, respaldou-se em Husserl no tocante à linguagem. Não que admitisse na íntegra o pensamento do filósofo, mas pode-se dizer que o utilizou como alavanca para aprofundar seus estudos e expressar a nova forma de entender a linguagem.

Assim, cumpre verificar de que forma Husserl tratou o problema da linguagem como forma de investigação fenomenológica, como Merleau-Ponty desenvolveu sua teoria da expressão, e como a biblioterapia se insere nessa teoria.

2 A TEORIA HUSSERLIANA E A TEORIA MERLEAU-PONTYANA DA LINGUAGEM

Muito embora Merleau-Ponty tenha se apoiado na tese de Husserl segundo a qual o pensamento adquire carne na fala, criou, ele próprio, uma teoria fenomenológica da

expressão. Isso posto, cabe ressaltar em que sentido Merleau-Ponty difere de Husserl no tocante à linguagem.

Em Husserl há a distinção “entre aqueles signos que simplesmente ‘indicariam’ outro estado-de-coisas e aqueles signos que ‘expressariam’, neles próprios, uma significação”; mas tal distinção não se quer imperiosa, se quer prática, pois “um signo indicaria algo” quando servisse para compreender o surgimento de outra coisa sem a preocupação de verificar “a intenção de quem o apresentasse”; por seu turno, “o signo expressivo mostraria a intenção do sujeito falante, seria aquele que revelaria o que o sujeito falante quisesse-dizer”; dessa feita, para Husserl a expressão vai além da indicação, visto exigir “a intenção de um sujeito animando o signo”, consistindo o signo em uma “extensão corporal” do sujeito (MÜLLER-GRANZOTTO, 2000, p. 216, 217).

Em Merleau-Ponty essa distinção é uma abstração inútil, pois:

A operação de expressão, quando é bem sucedida, não deixa apenas um sumário para o leitor ou para o próprio escritor, ela faz a significação existir como uma coisa no próprio coração do texto, ela a faz viver em um organismo de palavras, ela a instala no escritor ou no leitor como um novo órgão dos sentidos, abre para nossa experiência um novo campo ou uma nova dimensão. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 248).

Dito de outra maneira: para Merleau-Ponty o corpo e a significação sempre estão presentes na expressão e no texto. Ambos têm vida, animam a expressão. De uma forma dinâmica, agem no sujeito, quer seja ele leitor, quer escritor. Corpo e significação se valem de palavras no processo da expressão e a intenção significativa não prescinde de um corpo. Como a linguagem sempre possui significado e sempre visa a expressão, a fala subentende uma intencionalidade corporal que se mostra na gestualidade e nos insere no mundo. Portanto, o sujeito não precisa animar o signo: o signo faz parte do sujeito, está inserido no contexto cultural do sujeito, está imbricado na vida do sujeito.

Assim, Merleau-Ponty se preocupa menos com o signo e mais com a palavra, pois, para ele, a palavra contém um sentido, ela é um gesto, ela abre infinitas possibilidades de comunicação, ela mostra que estamos engajados no mundo falante.

Se para Husserl a reflexão acontece no pensamento, para Merleau-Ponty a reflexão acontece no corpo, que serve como condutor tanto da objetividade quanto da subjetividade.

2.1 O problema da linguagem para Husserl

Afirma Merleau-Ponty (1991, p. 89, 90, grifo do autor) que nos primeiros escritos “Husserl propõe a idéia de uma eidética da linguagem” e, “em contrapartida, em textos mais recentes, a linguagem aparece como uma maneira original de visar certos objetos como o corpo do pensamento”; a primeira proposta “supõe que a linguagem seja um dos objetos que a consciência constitui soberanamente”, e desempenharia papel de “acompanhante ou substituto” do pensamento; por outro lado, na segunda proposta, Husserl considera a linguagem uma “operação pela qual pensamentos, que sem ela permaneceriam fenômenos privados, adquiriram valor intersubjetivo e, finalmente, existência ideal.”

Assim, nota-se uma mudança significativa no pensamento husserliano – de objeto, a linguagem passa a ser encarada como operação. Em outras palavras, de passiva passa a ser ativa, de coisa se transforma em ação. Essa nova feição da linguagem (de essência de uma gramática universal para corpo do pensamento) é vista com bons olhos por Merleau-Ponty, que defende a primazia da linguagem como meio por excelência de comunicação, um sistema que obedece a uma lógica visando, acima de tudo, a expressão.

É nos últimos escritos de Husserl (apud MERLEAU-PONTY, 1990, p. 170) que se observa sua nova concepção da linguagem, pois o filósofo considera que “falar é visar um certo sujeito com palavras e não traduzir um pensamento em palavras.”

A esse respeito, Müller-Granzotto (2000, p. 215, grifo do autor) afirma que “na avaliação de Merleau-Ponty, quando Husserl reconheceu que – ao exprimir – nossas palavras *corporificam* nossos pensamentos” ele “admitiu para a fala e para os pensamentos uma relação interna, muito semelhante àquela que haveria de existir entre os fenômenos percebidos e a experiência perceptiva.”

Cumpramos lembrar, ainda, que Husserl, em seus últimos escritos, já admitia a possibilidade de a palavra fundar a verdade quando permitiu sua abertura à multiplicidade de sujeitos que se querem carne.

Müller-Granzotto (2000, p. 213) sintetizou da seguinte maneira o pensamento de Husserl acerca da encarnação do pensamento e seu efeito em Merleau-Ponty:

A tese de Husserl – segundo a qual, os signos (expressivamente empregados) haveriam de encarnar nossos pensamentos – forneceu o ponto de partida ao projeto merleau-pontyano de restituição “filosófica” de nosso contato com o mundo da percepção. [...] A interpretação merleau-pontyana da teoria fenomenológica da expressão mostrou que, tal como os pensamentos, a consciência de nós mesmos seria tributária da experiência sensível.

Dessa feita, o corpo, de um objeto visado pela consciência, passa a ser a própria consciência encarnada, o campo dos poderes perceptivos, a relação entre o espírito e as coisas.

2.2 A teoria merleau-pontyana da expressão

Para Merleau-Ponty (1999, p. 241), a fala não pressupõe o pensamento, pois “se falar fosse em primeiro lugar unir-se ao objeto por uma intenção de conhecimento ou por uma representação, não se compreenderia porque o pensamento tende para a expressão como para seu acabamento” e “porque o próprio sujeito pensante está em um tipo de ignorância de seus pensamentos enquanto não os formulou para si mesmo ou mesmo disse e escreveu.” Isso não significa que o pensador considere que o pensamento seja a palavra, o que ele afirma é que o pensamento não existe sem a palavra. Segundo o filósofo, “nós temos a experiência de nós mesmos, dessa consciência que somos” e, continua: “é a partir desta experiência que se medem todas as significações da linguagem, é justamente ela que faz com que a linguagem queira dizer algo para nós.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 12). Nesse sentido, Merleau-Ponty ultrapassa tanto o intelectualismo quanto o empirismo, pois ambos não dão valor à consciência perceptiva.

De acordo com Merleau-Ponty (1999), a fala não é mais do que uma modalidade dessa consciência perceptiva. Ela é uma das variantes desse poder de expressão que pertence ao nosso corpo. Merleau-Ponty (1999, p. 253), ao afirmar que “o gesto lingüístico, como todos os outros, desenha ele mesmo o seu sentido”, reconhece que “essa idéia

surpreende”, pois “parece impossível dar às palavras, assim como aos gestos, uma significação imanente.”

Então, por que creditar sentido ao gesto lingüístico? Ora, se a percepção natural acontece pelo gesto corporal, a cultura fornece significações aos sujeitos falantes. Em outras palavras: os atos de expressão fazem parte do mundo da cultura no qual estamos inseridos; assim, compreendemos a fala, mesmo que ela vise “uma paisagem mental”, visto que o mundo lingüístico é compartilhado por nós e as significações tornam-se disponíveis, pois “concebe-se que a fala possa, como um gesto, significar sobre o fundo mental comum.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 253, 254).

O que seria esse fundo mental comum? Seriam as convenções? Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 254), “as convenções são um modo tardio de relação entre os homens, elas supõem uma comunicação prévia.” Dessa feita, conquanto a fala seja considerada por alguns como um signo convencional, Merleau-Ponty (1999, p. 255) argumenta que “rigorosamente, não existem signos convencionais, simples notação de um pensamento puro e claro para si mesmo”, pois a fala faz parte da história do homem. Tanto é assim que, segundo ele, é impossível traduzir o sentido pleno de uma língua para outra. Sempre existirão enganos, erros e imprecisão nas traduções, uma vez que “para assimilar completamente uma língua, seria preciso assumir o mundo que ela exprime, e nunca pertencemos a dois mundos ao mesmo tempo.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 255).

Para o filósofo, o sentido da frase não se deve apenas à história da língua, como acreditam os lingüistas. A linguagem possui o seu próprio sentido, que se manifesta ora pelas representações conceituais, ora pelas expressões emocionais, atreladas ao contexto cultural do sujeito. Mas não basta pertencer à mesma cultura para os sujeitos expressarem, de uma mesma forma, seus anseios ou emoções. A individuação acontece no domínio da linguagem, assim como acontece, também, nos demais domínios humanos. Isso é corroborado por Merleau-Ponty (1999, p. 256) quando ele diz: “não basta que dois sujeitos conscientes tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que em ambos as mesmas emoções se representem pelos mesmos signos.”

Portanto, o equipamento psicofisiológico não é o fator determinante da linguagem, o ser humano não é apenas um ser biológico colocado em uma forma padrão devendo

apresentar semelhanças na forma de se expressar. Ele é dotado do equipamento da fala, está inserido no mundo da cultura, mas possui seus próprios desejos e atitudes que lhe são peculiares – formas distintas de expressar suas necessidades e aspirações. Os instintos, bem como os comportamentos socialmente produzidos, se imbricam no homem levando-o a expressar-se dessa ou daquela maneira. Assim como o gesto corporal indica amor ou cólera, a fala, ela também, pela entonação da voz, indica se o sujeito está feliz ou irado. A fala é, então, um modo a mais que o sujeito possui para perceber o mundo e para expressar-se nele. Como os gestos, as palavras são inventadas. É o sujeito que determinará o uso que fará deles. O equipamento biológico fornece suporte para ambos, mas não os escraviza. Como disse Merleau-Ponty (1999, p. 257): “os comportamentos criam significações que são transcendentais em relação ao dispositivo anatômico”; a fala, então, se configura como um caso particular da “potência irracional que cria significações e que as comunica.”

Se a palavra possui uma “potência significante” e utiliza o corpo como meio de expressão de mim para o outro e do outro para mim, a fenomenologia da linguagem merleau-pontyana implica aceitar a encarnação do pensamento na palavra, a espontaneidade ensinante do corpo – o “eu posso” e a experiência do outro – “a transgressão intencional.” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 99, 101).

Além disso, Merleau-Ponty (1991, p. 101) afirma que “o corpo e a palavra podem me dar mais do que coloquei neles.” Como isso é possível? Ele explicita: como admitimos a experiência do outro, como admitimos a transgressão intencional, admitimos também o *Cogito* e, assim, as significações adquiridas somam-se às significações que vamos construindo ao longo da vida. Na sua filosofia, o pensamento não foi excluído, apenas ganhou a parceria da palavra na carne. A consciência adquiriu corpo – nada perdeu. Tal união, pensamento e palavra corporificada, garantem não apenas a formação, mas a continuidade da expressão, seu desenvolvimento. Portanto,

Todo ato de expressão literária ou filosófica contribui para cumprir o voto de recuperação do mundo que foi pronunciado com o aparecimento de uma língua, isto é, de um sistema finito de signos que em princípio se pretendia capaz de captar qualquer ser que se apresentasse. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 102).

Dito de outra maneira: conquanto o sistema de signos seja finito, o sistema de significações configura-se como infinito, pois se vale de pensamentos já pensados, palavras já ditas e pensamentos que surgirão, palavras que serão acrescentadas. A captação de novos significados faz parte da tentativa humana de buscar a verdade.

Segundo Merleau-Ponty (1999, p. 9): “para que o outro não seja uma palavra vã, é preciso que minha existência nunca se reduza à consciência que tenho de existir”, ao contrário, ela deve envolver “também a consciência que dele se possa ter e, portanto, minha encarnação em uma natureza [...]”; dessa forma, a experiência sensível está à frente dos pensamentos, pois sou, acima de tudo, um “ser no mundo.”

Como ser no mundo, valho-me da percepção e das palavras para alcançar o outro, compreendê-lo, influenciá-lo, atingi-lo, e, quiçá, modificar seu comportamento. Assim, cumpre resgatar o *status* da palavra, colocá-la em evidência no presente estudo investigatório.

A palavra é a realização por excelência dos pensamentos e da comunicação desses mesmos pensamentos, pois como assevera Merleau-Ponty (1999, p. 229, 249), “a fala exprime o pensamento” e “o pensamento não é nada de ‘interior’, ele não existe fora do mundo e fora das palavras.”

Merleau-Ponty (1991, p. 20) afirma que o movimento da palavra e do pensamento exige a presença de um corpo, pois “em toda parte há sentidos, dimensões, figuras para além daquilo que cada ‘consciência’ poderia ter produzido, e, contudo são homens que falam, pensam, vêem.” Justamente por acreditar nisso Merleau-Ponty (1991, p. 17) argumenta: “quebramos a linguagem quando a transformamos num meio ou num código para o pensamento”, há “uma necessidade de falar tão logo pensemos”, visto que as palavras têm “o poder de suscitar pensamentos”, e, portanto, “não existe pensamento que seja completamente pensamento e não solicite a palavras o meio de estar presente a si mesmo”; isso significa que “pensamento e palavra contam um com o outro”, “estimulam-se reciprocamente”, pois “todo pensamento vem das palavras e volta para elas, toda palavra nasceu nos pensamentos e acaba neles.”

Dito de outra maneira: pensamentos e palavras são intercambiáveis e não lutam pelo privilégio de se destacar como principal na intrincada rede de comunicações. São parceiros que se completam, se desdobram e assim, andam juntos, a palavra fazendo-se pensante e o pensamento, falante. A palavra deixou sua condição servil de atuar como instrumento do pensamento. Adquiriu um novo *status*, o de gesto significativo.

Segundo Merleau-Ponty (1990, p. 170), “o problema da linguagem deve ser resolvido” se existe o desejo de “compreender a existência, no mundo, das idéias e dos objetos culturais: os livros, os museus, as partituras, os escritos colocam e inserem as idéias no mundo.”

O mesmo pensava Saussure ([197-], p. 14), quando afirmou que “na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro”, e, “seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas”, pois toda “a gente dela se ocupa pouco ou muito.”

O problema da linguagem, então, não é apenas dos filósofos. É um problema de todos: literatos, escritores, poetas, psicólogos, professores, profissionais da informação, intelectuais e gente comum. Quem fala e quem ouve? O ser humano, independente de raça, sexo, credo, profissão, gostos e interesses. As idéias circulam no mundo à nossa volta, circulam nos romances, nos ensaios, nos artigos científicos, mas também no burburinho das feiras e dos mercados e na intimidade das casas. Disseminam-se por meio do papel impresso, do rádio, da televisão e da mídia eletrônica. Espalham-se com mais vigor, entretanto, nas ocasiões informais, sejam elas uma festa ou um intervalo de um evento cultural, artístico, literário ou científico. Quando a linguagem perde a postura de austeridade e rigor da ciência, adquire a flexibilidade de um corpo que, como a bailarina ou o malabarista, nos fascina porque se movem com graça.

No tocante às palavras, pode-se dizer que elas nos seduzem se forem harmoniosas e nos convencem se forem arguciosas. Assim, a linguagem deve ser temperada com a leveza das palavras e a consistência das idéias. As palavras podem ferir e podem curar. Porquanto age, se movimenta, se modifica, a linguagem necessita de um agente – o corpo¹. É justamente a capacidade de cura e a intercorporeidade da linguagem, que

¹ O corpo não entendido como órgão da imanência, mas como órgão do mundo da intersubjetividade.

envolve os vestígios corporais do autor no texto, o corpo anônimo e impessoal do texto e, enfim, um corpo que a este se empresta: o do leitor (narrador ou dramatizador), o foco investigativo da biblioterapia.

3 A TEORIA MERLEAU-PONTYANA DA LINGUAGEM E A BIBLIOTERAPIA

Merleau-Ponty concede primazia ao estudo da fala e apresenta sua concepção da linguagem, em que o signo reflete a cultura, ou seja, as diferenças de significação acontecem porque nascemos em lugares diversos e nossa língua se apresenta para nós como mais expressiva do que as outras. Muito embora admita a presença da morfologia, da sintaxe e do léxico na língua, não a tem como a soma dessas significações. A língua comporta uma “significação languageira”, um “certo estilo de linguagem” e, assim, “minhas palavras me surpreendem a mim mesmo e me ensinam o meu pensamento”; dessa forma, o sentido imanente dos signos organizados “não se prende ao ‘penso’, mas ao ‘posso’.” (MERLEAU-PONTY, 1991, p, 94).

Para que as palavras me surpreendam, então, elas adquirem certa corporeidade mediante uma intencionalidade corporal que se manifesta pelos gestos, e, assim, a significação acontece porque forneço corpo a uma intenção que se quer grávida de palavras e “todo esforço para pegar na mão o pensamento que habita a palavra não deixa entre os dedos senão um pouco de material verbal.” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 95). Dessa feita, o material verbal – a palavra – expressa uma significação condizente com o gesto, com a intencionalidade corporal. Muito embora a intenção significativa não prescindia do pensamento, solidifica-se na palavra. Por esse motivo, Merleau-Ponty (1991, p. 96) afirma que “a intenção significativa cria um corpo para si e conhece a si mesma ao procurar um equivalente seu no sistema de significações disponíveis.”

Dito de outra maneira: compreendo o que me é familiar, o que a cultura me proporcionou como signos lingüísticos estabelecidos, mas sou aberto a um novo mundo de significações desde que exista o desejo e a intenção de ir além do já dito e consolidado. Baseado nas significações que possuo, posso, não apenas retomar falas já faladas, como as posso recriar de modo que expressem novos significados. O novo é incorporado na cultura e torna-se disponível a mim e ao outro. Também, fora da frase, fora do contexto, a

palavra torna-se vazia de significado, é estéril, não frutifica, não tem expressividade. A palavra não pode ser órfã, necessita de uma família, ou seja, meio, corpo e pensamento.

Cabe lembrar que a teoria merleau-pontyana da expressão admite duas linguagens:

[...] a linguagem falada e a linguagem falante.[...] A linguagem falada é aquela que o leitor trazia consigo, é a massa das relações de signos estabelecidos com significações disponíveis, sem a qual, com efeito, ele não teria podido começar a ler, que constitui a língua e o conjunto dos escritos dessa língua. [...] Mas a linguagem falante é a interpelação que o livro dirige ao leitor desprevenido, é aquela operação pela qual um certo arranjo dos signos e das significações já disponíveis passa a alterar e depois transfigurar cada um deles, até finalmente secretar uma significação nova [...] (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 32, 34-35).

Ora, é da fala falante, produtora de significados, que a biblioterapia se vale, pois a terapia por meio da leitura somente acontece quando se pode inferir novos sentidos ao lido, quando o texto permite uma recriação.

Cabe lembrar, também, que quando Merleau-Ponty (1991, p. 188) afirma que “se o outro deve existir para mim, é preciso que comece a existir alguém da ordem do pensamento”, enfatiza a presença do corpo e retira a soberania da consciência. Existe, portanto, não apenas a minha percepção e a percepção do outro, mas uma co-percepção. Eu me percebo e percebo o outro. O outro se percebe e me percebe. Eu e o outro percebemos as coisas, o mundo circundante. Sem a corporeidade, tal percepção seria impossível. Não podemos perceber pensamentos. Só sabemos o que o outro pensa quando seu pensamento é verbalizado, quando o som de sua voz atinge nossos ouvidos. Da mesma forma só o vemos e sabemos que ele nos vê porque eu e ele temos olhos. E, ainda, só o tocamos e ele nos toca porque dispomos dos equipamentos táteis fornecidos pelo corpo. Em outros termos: o ser humano está no mundo e o pensamento, fora do mundo, pois as coisas se oferecem a um corpo.

Citar-se-á, como exemplo da aplicação da teoria da linguagem merleau-pontyana à biblioterapia, o Programa de Leitura Terapêutica desenvolvido de maio a dezembro de 2002, com 30 alunos na faixa etária de 14 a 24 anos, da classe matutina de aceleração² de uma escola da rede pública estadual (CALDIN, 2003).

Muito embora o artigo citado contemplasse esclarecimentos acerca da potencialidade terapêutica da literatura ficcional e narrasse, de maneira sucinta, o desenvolvimento das atividades biblioterapêuticas, não procedeu as análises pelo viés fenomenológico. Assim, pretende-se, com essa nova abordagem, desvendar a essência do ato de ler com possibilidades terapêuticas.

3.1 Contextualização da pesquisa

A presente pesquisa, desenvolvida por uma professora do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, articulou a teoria merleau-pontyana da linguagem com atividades práticas de biblioterapia, desenvolvidas com adolescentes de escola pública.

O público-alvo estudado mal sabia ler e tinha índice elevado de repetência e evasão escolar. Em virtude da situação de desvantagem no tocante ao aprendizado, mostrava-se inseguro e agressivo frente às demais turmas, com dificuldade de socialização. A preocupação da Escola era incentivar a leitura, impulsionar o uso da biblioteca, viabilizar a elaboração de textos, aguçar a criatividade, desenvolver o senso de responsabilidade, fomentar o trabalho em equipe e desenvolver nos alunos a competência de gerenciar e superar seus conflitos. A preocupação do Programa de Leitura Terapêutica era despertar o gosto pela leitura, estimular o diálogo, facilitar a socialização pela participação em grupo, diminuir a timidez e aumentar a auto-estima desses alunos valendo-se de textos literários infantis e juvenis diversificados que fossem prazerosos e benéficos. Isso significava apresentar a leitura como um exercício de fruição, sem cobranças pedagógicas e sem intenção didática. Tendo em vista a especificidade da turma, era um desafio e tanto.

3.2 Execução da pesquisa

Muito embora tenha sido distribuído um questionário aos alunos, tal instrumento mostrou-se insuficiente para diagnosticar o tipo de leitura que poderia agradá-los, haja vista que suas respostas indicavam como prática leitora apenas os textos dos livros

² O Projeto Classe de Aceleração, implantado pela Secretaria de Estado da Educação e do Desporto de Santa Catarina em 1998, teve como objetivo acelerar os estudos de alunos que se encontravam defasados em relação à idade cronológica/série escolar.

didáticos estudados em sala de aula, não havendo histórico de leituras ou de outros livros em casa.

Assim, após realizar a leitura de textos juvenis e perceber que havia pouco envolvimento dos alunos, como que certa resistência em participar das atividades e uma grande dose de timidez, a pesquisadora adotou um proceder diferenciado. Levou para a Escola duas caixas grandes contendo livros de contos de fadas, animais, mistério, crônicas, humor e poesia. A reação dos alunos foi melhor que a esperada: o interesse suscitado pela novidade os fez sair da letargia habitual e com frenesi vasculhavam as caixas, folheavam os livros e selecionavam o que desejavam ler. Nesse dia, em vez da leitura em voz alta efetuada pela pesquisadora e seguida por esparsos comentários dos alunos, foi sugerido que cada um lesse em voz baixa o material escolhido. Como o nível de leitura não era o mesmo para todos, alguns passaram os cinquenta minutos da aula lendo apenas um livro, ao passo que outros conseguiram ler mais textos.

A grande surpresa foi o interesse pelos contos de fadas e de animais. Seja por não ter feito parte de suas vivências na infância, seja por apresentar pouco texto e vocabulário fácil, o fato é que a grande maioria dos rapazes optou por esse tipo de leitura. Nas meninas, as poesias e crônicas agradaram mais. Livros de mistério e humor não tiveram grande aceitação.

Na sessão seguinte, propôs-se a elaboração de uma história coletiva, baseada nas leituras realizadas e na imaginação de cada um. Esse dia foi deveras ímpar: os alunos começaram a participar com entusiasmo. Mudou sua atitude corporal, ficaram mais relaxados, mais atentos, os olhos brilhando. Perderam a rigidez característica de sentar-se retos na carteira olhando para a frente; começaram a vergar o corpo para o lado, olhando os colegas, rindo das sugestões oferecidas, complementando as frases com outras provocativas. De início, a pesquisadora observou que as frases eram retiradas dos livros lidos, mas aos poucos os alunos foram dando asas à imaginação e começaram a criar um novo texto. A pesquisadora ia escrevendo no quadro à medida que eles iam organizando o enredo, em uma competição cômica e prazerosa.

Disso infere-se que, como Merleau-Ponty afirmara, a linguagem é, de fato, um comportamento, é gesto e faz parte do mundo da experiência. Até então os alunos agiam

como que tolhidos, bloqueados, sem interesse pelas leituras efetuadas, como se a história apresentada fosse algo estranho às suas vidas. Ao adentrarem no universo ficcional, permitiram que o texto se apossasse deles. Assim, a leitura deixou de ser uma abstração, tornou-se algo vivo, uma extensão do seu corpo, começou a fazer parte de suas vivências. Percebe-se que deveras a palavra fala, ou seja, ultrapassa o que emissor tencionava dizer, dá margem a novas idéias, pois as falas dos livros foram retomadas e recriadas, corroborando que o sistema de significações é infinito. Também, infere-se que o ser humano não pensa antes de falar, visto que as frases iam surgindo espontaneamente e de chofre, com uma rapidez inesperada. Além disso, a linguagem não ficou restrita às frases, expandiu-se à gestualidade corporal que se manifestou de forma diferenciada nos alunos e ocasionou a expressão. Houve diálogo, houve a experiência do outro, houve descontração e alegria. Aquela sessão de criação coletiva de um novo texto baseada nas leituras solitárias efetuadas anteriormente foi um exercício terapêutico haja vista que, além de eliminar o acanhamento dos alunos, favoreceu a socialização e a comunicação entre eles. Mesmo os comentários adversos às frases sugeridas pelos colegas eram em tom jocoso, sem a hostilidade costumeira.

A partir desse dia as leituras coletivas foram prazerosas, acompanhadas de comentários voluntários, troca de idéias, apresentação de experiências similares às dos textos. Os sentidos escondidos nas histórias vieram à tona, as obras se mostraram abertas, propiciaram o excesso, ou seja, suscitaram mais pensamentos do que os contidos nelas. E, gradativamente, a fala falada foi cedendo lugar à fala falante. A expressão aconteceu.

Entretanto, ciente de que a fala é apenas um modo a mais de o sujeito expressar-se, de que existe a espontaneidade ensinante do corpo passível de enriquecer-se com a experiência do outro, foi sugerido, em outro encontro, após a leitura da história *O aguilhão do rei*³ (uma adaptação de Mowgli, o menino-lobo), a construção coletiva de uma maquete, o que seria um passo a mais no processo de socialização da turma.

Levou-se para a classe as gravuras necessárias à montagem do cenário com a descrição pormenorizada das paredes em ruínas do porão do palácio abandonado, do tesouro, da trilha na selva, das personagens e dos adereços, um pedaço de isopor que serviria de base

ao cenário, alguns bichinhos de plástico, retalhos coloridos, agulha e linha, bijuterias e cola. Entretanto, a maior parte da maquete foi confeccionada pelos alunos com material oriundo do pátio da escola. Assim, utilizou-se barro e água para moldar as personagens, gravetos, flores e folhas verdes para o fundo, e muita imaginação e criatividade aliadas com cartolinas e lápis coloridos. A turma, voluntariamente, dividiu-se em duas equipes, por conta de interesses comuns.

Nesse dia foram alocadas duas horas-aula de Português e duas horas-aula de Educação Artística, ou seja, passou-se toda a manhã entre o pátio e a sala de aula, entre risos e labuta prazerosa. Foi despertado o coleguismo, encorajada a criatividade e respeitada a individualidade. A leitura adquiriu um novo sabor, posto que ganhou vida. Partindo do contexto cultural dos alunos, das suas vivências, das suas formas distintas de expressar a individuação, a maquete não era mais da história, mas deles, sua interpretação do mundo.

A fim de valorizar os trabalhos da classe de aceleração, a Orientadora Educacional solicitou que as maquetes fossem expostas de sala em sala e a história contada por representantes das duas equipes. Aconteceu um desabrochar: a fala falada da história transformou-se em fala falante. Os alunos surpreenderam, pois as palavras, acompanhadas de gestos espontâneos, propiciaram a expressão.

As narrações, assim como a elaboração das maquetes se valeram do descentramento, da intercorporeidade e da intersubjetividade do trabalho realizado em conjunto. O revezamento das vozes, a gestualidade dos corpos e a ebulição das emoções transformaram o que seria uma simples leitura em uma leitura terapêutica, posto que a mesma proporcionou bem-estar a todos os envolvidos.

O sucesso da experiência foi um convite para se tentar algo mais arrojado: uma dramatização. Sugeriu-se a montagem de uma peça teatral; voluntários se ofereceram para dela participar. A escolha incidiu no texto *O mágico de Oz*⁴, com sete personagens: Dorothy, fada, bruxa, espantalho, homem de lata, leão e Mágico de Oz. A fala maior cabia ao Mágico de Oz, protagonizado pelo aluno com mais dificuldade de leitura e

³ A narrativa, bem como os recursos necessários para a elaboração da maquete, encontram-se no livro *Técnicas de contar histórias*, de Vânia D' Angelo Dohme, nas páginas 63 a 66 e 114 a 125, editado pela Informal em 2000.

timidez, que fez questão de desempenhar tal papel como forma de superar seus bloqueios cognitivos e emocionais; os demais papéis foram desempenhados por mocinhas.

Para a preparação da peça as leituras coletivas foram suspensas e substituídas pelos ensaios com os sete participantes. Esses momentos foram valiosos para melhorar comportamentos socialmente indesejáveis, abolir ressentimentos e favorecer a interação dos alunos envolvidos com a dramatização. Os alunos encarnaram as personagens com seriedade e responsabilidade, estudaram o texto com afinco e ajudaram-se mutuamente, chegando mesmo a reunir-se fora da escola para aperfeiçoar a atuação.

Confeccionou-se os adereços da maneira mais econômica possível: o chapéu da fada era um funil de cartolina cor-de-rosa, com um tule na ponta; o homem de lata ganhou uma roupa cinza e uma lata amarrada na cabeça; o leão e o Mágico receberam máscaras correspondentes; de cartolinas coloridas foram feitos o diploma de *Doutor em Pensamentologia* para o espantalho, a medalha de *1º Lugar em Coragem* para o leão e o *Coração* para o homem de lata. Os alunos participantes contribuíram com as vestimentas mais apropriadas ao papel: o mágico vestiu-se de preto; a fada, de um vestido cor-de-rosa; Dorothy, de azul e branco; o espantalho usou um chapéu de palha e um colete que imita retalhos; o homem de lata trajou calça jeans com túnica cinza e o leão, uma camiseta amarela. Todos auxiliaram a montar os cenários com cartolinas.

Ensaios concluídos, procedeu-se à apresentação no pátio da Escola, para todas as turmas, professores e funcionários assistirem, a pedido da Orientadora Educacional. E então, a gratificação com o trabalho realizado: os alunos surpreenderam, seja pela performance, seja pela preocupação com a integridade do texto, seja pela tranquilidade com que agiram em cena. Foi possível observar que, como afirmara Merleau-Ponty, o corpo é coisa que sente, é comportamento; a corporeidade é fundamental para a co-percepção e a percepção do mundo circundante; a intenção significativa não prescinde de um corpo; a palavra é gesto significativo; a leitura é um ato corporal; a espontaneidade de nossa inserção corporal no mundo da percepção desempenha papel fundamental na produção artística.

⁴ Retirado do livro *Técnicas de contar histórias*, de Vânia D'Angelo Dohme, p. 77 a 84 e p. 145 a 158, editado pela Informal em 2000.

A apresentação da peça foi benfazeja de várias maneiras: os alunos que contracenaram tiveram a auto-estima aumentada, o Diretor e a Orientadora Educacional ficaram satisfeitos com a mudança comportamental da classe de aceleração, toda a Escola usufruiu momentos estéticos.

Tendo em vista que um elo havia sido criado com os alunos, resolveu-se, de outubro a dezembro, realizar as atividades de biblioterapia de forma a contemplar a leitura de textos com um aluno de cada vez, em sala alocada e cedida gentilmente pela Escola para esse fim. Abriu-se, assim, a oportunidade para, por meio das leituras e dos comentários posteriores a ela, fortalecer o laço de amizade e afeto criado no decorrer do ano entre aplicadora do Programa de Leitura Terapêutica e alunos.

Mostrou-se ser a ocasião ideal para abrir os corações, expor os anseios, partilhar a dor, para a intercorporeidade, a intersubjetividade e o descentramento. Dependendo do aluno, de seu envolvimento com a leitura e do diálogo posterior a ela, cada sessão tinha duração diferenciada, mas, em média, levava-se trinta minutos entre ler e trocar idéias. Respeitados o contexto cultural dos sujeitos, a individuação e a experiência do outro, as significações inferidas nas leituras somaram-se às significações que já faziam parte de suas vivências e, assim, pela fala, pelo corpo e pelas expressões emocionais, foi notório o valor terapêutico das leituras efetuadas, manifestado nas demonstrações de apreço que aconteceram em forma de depoimentos verbais ou escritos em um caderno reservado para essa finalidade, e em forma de abraços carinhosos.

4 CONCLUSÃO

Essa experiência de leituras propiciou dar vazão ao impensado em Merleau-Ponty: jamais o filósofo mencionou a biblioterapia. Sua teoria da linguagem é de que a fala, sendo gesto expressivo, tanto pode criar (fala falante) quando repetir um pensamento já falado (fala falada); há nela espontaneidade ensinante que faz dela um fenômeno de campo (totalidade dos eventos possíveis) eminentemente subjetivo.

Ora, a linguagem é uma característica humana, por meio dela o ser humano estabelece objetivos comuns e expressa seus anseios. Uma das prioridades humanas é manter a saúde: visto que o ser humano não aceita a doença, busca sempre um tratamento para ela.

Em um tratamento tradicional, o primeiro contato com o médico se dá pela fala. Poderia o mesmo suceder em um tratamento alternativo e despretensioso como a biblioterapia? Poderia a fala, na leitura, narração ou dramatização, agir como uma terapêutica?

A descrição das diferentes estratégias biblioterapêuticas mostrou que, se bem empregada, a fala pode curar, a linguagem tem o poder de ação de uma terapia, boa, barata e indolor.

REFERÊNCIAS

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.8, p. 10-17, jan./dez. 2003. Disponível em: <http://www.revista.acb.org.br/> Acesso em: 05 abr. 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sorbonne**: resumo de cursos: psicossociologia e filosofia. Tradução de Costança Marcondes César. Campinas: Papyrus, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. Tradução de Maria Ermantina G.G. Pereira. São Paulo: M. Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto de Moura. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José. Leitura merleau-pontyana da teoria fenomenológica da expressão. **Veritas**, Porto Alegre, v. 45, n.2, p. 213-222, jun. 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally; Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [197-].

Clarice Fortkamp Caldin

Professora no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Ministra aulas no Curso de Graduação em Biblioteconomia. Ministra aulas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, linha de pesquisa Profissionais da informação. clarice@cin.ufsc.br

Recebido em: 07/04/2010

Aceito para publicação em: jul/2010